

## Inflação alta e persistente corrói a renda dos brasileiros

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Atualmente, mais de 20 milhões de pessoas estão vivendo abaixo da linha da pobreza. Mais de 20 milhões de brasileiros vivem abaixo da linha da pobreza. A inflação alta e persistente está corroendo a renda dos brasileiros e piorando a qualidade de vida da população. Mais de 20 milhões de pessoas estão vivendo abaixo da linha da pobreza. Mais do que a crise sanitária deve durar o impacto econômico, previram os economistas. No Brasil, a pobreza faz cada vez mais vítimas, basta um olhar atento para concluir. No retrato da FGV Social, os mais vulneráveis estão embarcados em uma montanha-russa. Quando o vírus chegou em março de 2020, 13,3% dos brasileiros viviam abaixo da linha da pobreza. Com os auxílios emergenciais, a proporção cai para 3,9%, em agosto do mesmo ano, mas então, tudo volta a piorar. Na última pesquisa, de novembro de 2021, mais de 10% da população vivia com menos de R\$ 210 por mês - cerca de 22 milhões de brasileiros. Essa estatística fala de milhões de pessoas que não resistiram à crise econômica no lugar onde estavam e viram a vida mudar da noite para o dia, como a produtora cultural Daniela Machado Cardoso. "Mudou tudo. Eu fazia mestrado na FGV, tinha voltado de um intercâmbio onde estudei na Universidade de Nova York, tinha um contrato de aluguel no centro de São Paulo. Não consegui mais pagar esse aluguel e tive que me mudar. Eu empobrecei. Eu tinha um aluguel alto também, um padrão de vida elevado, todos os anos eu fazia uma viagem. Também tive o hábito de consumir arte e ir em teatros, cinemas, restaurantes. Tinha uma vida muito diferente da que eu tenho hoje. Eu nunca imaginei que eu fosse morar em uma ocupação", conta. Se descemos um andar na pirâmide social, encontramos a vendedora Sandra Cristina Galdino, em um quatinho 4x3, com três filhos. "Eu não tenho uma renda, não posso falar para você: 'olha, eu ganho R\$ 500 por mês, nem R\$ 200 por mês'. Tem que contar com a sorte, com o dia a dia, tentar a questão mesmo de sobrevivência. É tentar o máximo e o impossível para gente ter o alimento do dia a dia, o básico do dia a dia. Já chegou a faltar comida, várias e várias vezes", afirma. A insegurança alimentar no país é a maior da história, ou seja, o número de brasileiros que começam o dia sem ter certeza de que vão ter o que comer nunca foi tão grande. Em uma ação social de um grupo de amigos, que começou na emergência da pandemia, há dois anos, a fila de pessoas que vão buscar uma refeição é grande. "É uma fila angustiante, porque a gente foi dobrando a produção de alimentos que a gente consegue trazer e ainda vai embora gente da fila que não conseguiu pegar, e é muito frustrante", relata Katia Ciccone Ginez, que é cofundadora da ONG Ação de Rua São Paulo. "Se está difícil já para quem tem uma qualidade de vida melhor, imagina para nós", relata o pinto André Bruno. "Minhas netas têm que comer, e eu cuido delas para minha filha trabalhar. Então, a gente tem que vir para a rua comer mesmo", conta uma senhora. "Essa montanha-russa é tão ruim quanto a baixa renda. Você não consegue prever a renda do mês seguinte por conta da instabilidade de políticas que deveriam suavizar e não exacerbar a volatilidade. Essa instabilidade associada à baixa renda gerou consequências e necessidades básicas, como moradia, estudo, alimentação. Tem que criar programas sociais de transferência de renda mais sintonizados com as necessidades das pessoas. Acho que a gente perdeu um pouco essa agenda nos últimos tempos", afirma o diretor da FGV Social, Marcelo Neri.

